

HAN, Clara. 2012. *Life in Debt: Times of Care and Violence in Neoliberal Chile*. University of California Press, 298 pp.

Magda dos Santos Ribeiro

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (PPGAS/USP)

magdasribeiro@gmail.com

Clara Han, nas palavras finais de sua introdução, escreve: *“Assim, a minha escrita não oferece um grande diagnóstico, mas em seu lugar a esperança de que possamos estar atentos às dificuldades e realizações de estar no presente de outros”* (HAN 2012: 28). Tal afirmação soa como um eco moroso, cada vez mais insistente na escrita etnográfica e em sua singular capacidade de adentrar vidas outras. Não para classificá-las, explicá-las ou representá-las, estamos todos de acordo, mas para ser afetados, capturados por elas.

Han foi hábil em se deixar cativar. Sua etnografia, baseada em 36 meses de trabalho de campo em La Pincoya – bairro popular urbano, localizado na periferia norte de Santiago do Chile – entre os anos de 1999 e 2010, esteve atenta às formas concretas e cotidianas pelas quais a dívida e o cuidado se manifestam e produzem relações. As dívidas, expressas efetivamente pelo Estado por meio de programas de combate à pobreza, reparações por torturas, tratamentos anti-depressão, de um lado, e pela moralidade das relações de foro íntimo, de outro, são ampla e detalhadamente oferecidas ao leitor; a própria dívida moral da antropóloga para com seus amigos e interlocutores é bastante visível em sua escrita engajada e emotiva.

A força de seu argumento, sem embargo, reside no modo como ela se movimenta, num balanço calmo e transparente, da macropolítica econômica para as sutilezas da descrição etnográfica de um cotidiano marcado pelo sufocamento econômico, por endividamentos, aflições e inseguranças. Sua escrita etnográfica é também a expressão de sua sensibilidade aos efeitos de escala, ou como chamou Anne Allison a *“collage of scalar effects”* (2013:221). É nessa direção, portanto, que sua etnografia aparece como um modo de teorização, tal como sugeriu Veena Das (2013:2018). A fim de alargar nosso entendi-

mento sobre a maneira como a macro e a micropolítica se entrelaçam no neoliberalismo, Han elege como via principal os atos diários e a complexidade que permeia a manutenção cotidiana dos laços sociais.

Han nos mostra como e onde a violência do estado é experimentada enquanto um passado contínuo e que ainda habita, sob outro vulto, as presentes condições de vida no Chile. Por outras palavras, antes de assumir que o recente passado ditatorial de Augusto Pinochet (1973-1990) foi selado por um projeto de reconciliação, a autora considera que o modo como o estado *cuida* da população na transição democrática é habitado pelo passado. Assim, sua etnografia é uma crítica vigorosa acerca das fronteiras que separam um passado violento de um presente de arranjos sociais baseado no cuidado e no endividamento. Mas é também, e sobretudo, uma reflexão sobre o ato cotidiano de cuidar, tomando-o como experiência concreta e inextricavelmente tecido nos mais diferentes tipos de arranjos sociais.

Em sua antropologia do cuidado – que não deixa de conter em seu avesso o contrapeso da violência – qualquer noção estável sobre a ideia de *cuidar* torna-se insegura. Sua etnografia explora a forma como as pessoas estão envolvidas em relacionamentos, tornando-se, pouco a pouco, conscientes destas conexões e de seus limites. Antes de imaginar que as forças do estado arrombam o cotidiano pelo lado de fora, Han nos mostra a multiplicidade dos veios das políticas estatais no interior mesmo da intimidade. A autoridade das instituições estatais e a precariedade econômica é acomodada e vivida no coração das aspirações, compromissos e contingências diárias. Para alguns, até mesmo as experiências com o exílio, a tortura e o desaparecimento se tornam realidades colocadas em movimento nos modos próprios da intimidade doméstica. A memória, assim, se manifesta levando em conta um passado violento, atualizado no presente por meio de arranjos econômicos e mercadológicos. As aspirações pela democracia são combinadas ao desamparamento político e as atuais condições econômicas constituem em si mesmas um meio pelo qual a intimidade das relações sociais é vivida e, por vezes, rompida.

O livro organiza-se em torno de seis capítulos. Em *Sintomas de outra vida* (capítulo 1), Han explora as lutas domésticas e os cuidados com os parentes num contexto problemático de desequilíbrio mental e dependência química. Nos mostra o modo como tais lutas emaranham-se aos débitos e violências da casa, onde o cuidado é expresso pelo desejo profundo de manutenção destas relações íntimas, ao mesmo tempo em que impõe meios de lidar e limitar este desejo.

Dívida social, dádiva silenciosa (capítulo 2), movimenta-se do âmbito doméstico para a esfera dos amigos e vizinhos. A autora evidencia como uma economia particular é

mitigada e reconhecida em formas econômicas populares, envolvendo parentes, compadres, comadres e amigos. Neste capítulo, compreendemos o modo como o estado procurou endereçar sua dívida social por meio da expansão dos programas de combate à pobreza e de que maneira as novas tecnologias são aptas em transformar a dívida social em uma dívida para com o estado em nome da *ajuda* e dos *cuidados* que este oferece.

No terceiro capítulo, *Tortura, amor e o cotidiano*, a autora retorna para o interior da vida doméstica e explora como o reconhecimento oficial da tortura sob o regime de Pinochet afetou a vida de Ruby e Héctor, seus interlocutores e amigos. Relaciona, de maneira delicada e habilidosa, os aspectos existenciais de compromissos políticos ao modo como a tortura é confrontada a condições instáveis de trabalho e à precariedade econômica.

Em *Depressão neoliberal* (capítulo 4), Han volta-se para a figura da mãe militante e trata, com delicadeza, de um íntimo rompimento familiar, explorando o modo como a experiência do exílio é intensificada, ao invés de ser pacificada, pelo retorno ao mundo convencional das relações de parentesco. Tal imagem, como nos mostra a autora, é constantemente assombrada por uma prerrogativa liberal que envolve sacrifícios e postula diferenças marcantes entre homens e mulheres.

No capítulo 5, *Experiências Comunitárias*, Han muda seu registro descritivo e analisa o destino dos programas comunitários de tratamento mental voltados à depressão. Tem como foco principal a criação do Programa Nacional de Tratamento da Depressão direcionado às mulheres de baixa renda. Sua análise centra-se nas consequências da descentralização deste programa, examinando as sessões psicoeducativas enquanto espaços de experimentação.

Vida e morte, cuidado e negligência (capítulo 6) traz novamente à luz cenas íntimas do cotidiano, refletindo sobre cuidado e abandono e o modo como a vida e a morte – ao invés de serem entendidas como fluxos apartados que se interrompem – estão profundamente associadas, desafiando, desta maneira, as próprias categorias em jogo. Isso quer dizer, particularmente, que entre vida e morte encontramos outros estados, caracterizados pela dependência química ou medicamentosa, por configurações afetivas particulares, pelo abandono, depressão e negligência.

É neste contexto, portanto, que a obra é perspicaz em tratar do *cuidado* enquanto uma categoria multifacetada e intensamente afetada por circunstâncias de precariedade econômica. Clara Han encontrou no Chile uma distribuição desigual de recursos, insistentemente destinados a tratar de maneira isolada a pobreza extrema e os problemas relacionados à saúde mental. Neste aspecto, e bastante influenciada pela obra de Arthur

Kleinman¹, a autora sustenta que as categorias de sofrimento, trauma e desequilíbrio mental migram por entre diferentes domínios. Atenta às formas pelas quais a violência e o dano são existencialmente experimentados, Han faz um interessante deslocamento antropológico: longe de se concentrar nas representações do sujeito sofredor para traçar uma problemática de proporções globais, sua escrita etnográfica reconhece o sofrimento e o engaja às mudanças específicas. Tal engajamento aparece como uma abertura para o pensamento e para a experiência, tanto em relação à violência, quanto relativa aos limites e alcances do cuidado.

Todavia, a autora não conferiu à noção de dívida o tratamento robusto que deu à noção de cuidado. A lógica da reciprocidade presente nos vínculos sociais, como a própria Han demonstra, produz conexões complexas entre relações pessoais, relações entre cidadãos e o estado e, igualmente, na relação entre pessoas e coisas. Tal como provocou Jackson, no simpósio organizado e publicado pela revista HAU: “*como podemos evitar reduzir a noção de dívida às suas manifestações puramente materiais, e fazer justiça às suas nuances espirituais, morais e simbólicas?*” (Jackson, 2002:210, livre tradução).

Se com Graeber (2011) aprendemos que os fundamentos morais da vida econômica encontram-se justamente nas coisas pequenas: os detalhes cotidianos da existência social, a maneira como tratamos amigos, vizinhos e parentes, aprendemos também que as circunstâncias culturais, políticas e econômicas indicam um caminho prudente para conceituações mais gerais sobre a noção de dívida. Han é admiravelmente hábil em descrever as pequenas vicissitudes do cotidiano, contudo, do ponto de vista teórico sua ênfase limita-se a explicar o endividamento moral apenas em relação ao contexto histórico chileno das políticas neoliberais impostas pelo estado, deixando à margem questões mais gerais suscitadas por Mauss e Marx, por exemplo.

Assim, o que fica pouco resolvido em *Life in Debt* é a possibilidade concreta de compreendermos as experiências humanas a partir de políticas e programas estatais, de eventos históricos traumáticos, de políticas econômicas globais e de diferentes regimes discursivos. Muito embora a autora faça sua análise a partir do paradigma da economia política, a qualidade minuciosa e atenta de sua descrição etnográfica não acomoda o aprofundamento teórico de muitas das categorias mobilizadas, as quais aparecem como centrais em seu texto. Como pontuou Jackson, não é simplesmente uma questão de ver como “*as instituições do Estado e a precariedade econômica são dobradas nas relações íntimas, compromissos e aspirações pessoais*” (Han 2012:17, livre tradução); mas de mostrar de

1 Psiquiatra e antropólogo cuja trajetória de investigação centra-se nos problemas que envolvem saúde mental, adoecimento psíquico e sua relação com aspectos culturais e sociais.

que maneira fatores anteriores são ao mesmo tempo objetivos e subjetivos, reais e imaginados, mediando as visões de mundo sem serem inteiramente redutíveis à elas (Jackson, 2013:211).

Se, tomando de empréstimo as palavras da autora, o livro não oferece um grande diagnóstico, seguramente se apresenta enquanto uma inestimável contribuição etnográfica. A captura deliberada de Clara Han surte como efeito a possibilidade de sermos igualmente afetados pelas transfigurações das vidas que descreve. O modo sensível como a autora articula existência e economia, cuidado e violência, torna visível seu engajamento pessoal e sua capacidade de dar potência ao artifício etnográfico.

Referências

- ALLISON, Anne. Indebted intimacy. Comment on HAN, Clara. 2012. *Life in Debt: Times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkeley: University of California Press. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 3 (1): 210–12
- GRAEBER, David. 2011. *Debt: The first 5,000 years*. New York: Melville House.
- HAN, Clara. 2012. *Life in Debt: Times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkeley: University of California Press.
- JACKSON, Michael. 2013 Transference and counter-transference in *Life in Debt*. Comment on Han, Clara 2012. *Life in Debt: Times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkeley: University of California Press. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 3 (1): 210–12
- DAS, Veena. Neighbors and acts of silent kindness. Comment on HAN, Clara. 2012. *Life in debt: Times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkeley: University of California Press. *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 3 (1): 217–20

Recebido em 04 de setembro de 2017.

Aceito em 17 de novembro de 2017.